



Boletim Informativo ABCOC

Órgão Oficial de Divulgação da Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos Crioulos

Ano 3, Número 6 Agosto, 2014

Editorial – Ao retomarmos a publicação de nosso Boletim Informativo, após 9 anos de interrupção, pretendemos torná-lo novamente um dos principais veículos de comunicação entre os sócios, criadores e/ou interessados na Raça Ovina Crioula.

Neste número, o doutorando da UFRGS, Diego Hepp, descreve os avanços recentes obtidos por ele e colaboradores na identificação dos genes que codificam as diferentes cores e tons existentes no velo da Ovelha Crioula.

Na coluna dos novos criadores, o Prof. Antonio Maia e colegas abordam o Programa de Ovinocultura da Escola Técnica Canguçu, bem como os objetivos a serem alcançados com o rebanho de Ovelha Crioula, atualmente em formação na escola.

A cargo de Michele Savian é apresentada uma nota importante, sobre a perda do nosso colega Ory Augerô Amarante, que infelizmente noticiamos.

Na retrospectiva das Exposições-feiras, Hermes Crespo descreve a participação e apresenta os campeões da última FEOVELHA, realizada neste ano, em Pinheiro Machado.

Finalmente, ao entrevistar Clara Vaz, em Bagé, o editor dá início a uma série de artigos com aqueles que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento da Raça. A ideia, nesse caso, é priorizar a publicação das fotografias obtidas na ocasião, as quais supostamente “falam per si”.

Aproveitamos a oportunidade para convidá-los a visitar nossa nova página eletrônica (endereço na página 2), onde este e os demais números do Boletim Informativo ABCOC, e muito mais, se encontram disponível.

Diretoria Biênio 2014/15

ABCOG – Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos Crioulos

DIRETORIA (2014-2015)

Presidente: Gilson R.P. Moreira;

Vice: Rui Júnior Godinho;

Secretário: Luciano R. Souza;

Tesoureiro: Amandio G. Bueno;

Conselho Técnico: Volnei A. Merino, Ladislau Netto de Azevedo e Carla Bompiani D’Ancora Dias;

Conselho Fiscal: Alexandre P. Nussy, Eduardo J.Ely e Silva, e Hermes R.N. Crespo.

Boletim Informativo ABCOC

Com circulação entre os sócios da ABCOC, publica informações pertinentes à Ovelha Crioula. Artigos assinados pelos autores são de responsabilidade desses.

Periodicidade: quadrimestral

(não publicado de 2004 -2013).

Disponível Online em:

www.ovelhacrioula.com

Editor: Gilson R.P. Moreira

Endereço p/correspondência:

Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos Crioulos, Caixa Postal 17

Carlos Barbosa, RS 95185-000

Fones: 54 91030992 (secretário) e 51 81695914 (presidente)

Email: ovelhacrioula@gmail.com

Estudo dos mecanismos genéticos da coloração dos ovinos crioulos

Diego Hepp*

Pesquisas realizadas em instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul buscam determinar os mecanismos genéticos responsáveis pela diversidade na coloração existente nos Ovinos Crioulos. Tais estudos visam estabelecer os mecanismos de herança genética dos diferentes padrões de cores presentes, bem como a preservação da diversidade característica da raça, além de permitirem o desenvolvimento das atividades econômicas relacionadas à criação.

A lã dos Ovinos Crioulos apresenta diferentes cores, variando entre o branco e o preto, com diversos tons intermediários, incluindo amarelo, cinza, marrom, bege, dentre outros. O velo pode apresentar manchas, com faixas ou com bandas de cores diferentes nas mechas. Embora a existência dessa variedade de cores fosse conhecida, não existiam estudos genéticos explicando as suas causas.

Em uma etapa inicial, o estudo foi desenvolvido pelo grupo de pesquisas da Universidade Luterana do Brasil

*Biólogo, Mestre em Diagnóstico Genético e Molecular/ULBRA; Doutorando do PPG Genética e Biologia Molecular/UFRGS .
Email: diego.hepp@gmail.com

(ULBRA), sendo avaliados animais classificados em cinco cores, quais sejam o branco, cinza, bege, preto e marrom. Foi identificado um gene (chamado de MC1R) apresentando associação com a coloração, de forma que os ovinos com a cor branca apresentaram-se homocigotos para o alelo normal (recessivo) do gene, enquanto os animais com o alelo dominante apresentaram diferentes colorações na lã, incluindo preto, marrom, cinza e bege. A ação da versão dominante do gene estimula a produção do pigmento melanina e resulta na presença de cor na lã tanto em animais homocigotos quanto nos heterocigotos, enquanto que a cor branca só ocorre em animais homocigotos para o alelo recessivo, ou seja, que receberam de ambos os pais esta versão do gene.

Na comparação inicial entre as variedades Serrana e Fronteira, os dois alelos foram encontrados em ambas, demonstrando que a sua procedência não é exclusiva de uma delas, porém a frequência do alelo dominante foi maior na variedade Serrana, em relação à variedade Fronteira. Este dado é compatível com a descrição da variedade Serrana, conhecida como ovelha crioula preta, enquanto a variedade Fronteira é conhecida por apresentar uma maior variedade de colorações na lã.

Apesar da forte associação do gene MC1R com a cor também foram encontrados animais que apresentaram o genótipo recessivo, equivalente ao dos brancos, porém possuindo diferentes cores, ficando demonstrado assim que outros genes devem estar agindo, nesses casos, para o controle da produção de melanina na lã.

Em uma segunda etapa, os estudos tiveram prosseguimento no Departamento de Genética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) visando ampliar o conhecimento sobre a raça e analisar a influência de diferentes genes na cor da lã dos ovinos crioulos. Nesta, foram conduzidos cruzamentos dirigidos entre lotes de indivíduos de cores diferentes, desenvolvidos com a colaboração da Fazenda Santo Inácio (São Martinho da Serra, RS) e Cabanha Sobrado Branco (Canguçu, RS).

Os resultados demonstraram que a ação de dois genes (MC1R e ASIP), atuando juntos na regulação da coloração da raça Crioula determina a presença ou a ausência de cor na lã. Através de análises genéticas e da observação da prole obtida observou-se

que os portadores do alelo dominante do gene MC1R sempre irão apresentar coloração na lã, enquanto nos homocigotos para o alelo recessivo do MC1R as variações no gene ASIP, conhecido por inibir a produção de cor, irão determinar a ocorrência ou não do fenótipo branco. Desta forma, é preciso ainda conhecer quais alelos destes dois genes um dado indivíduo possui, a fim de estabelecer o seu fenótipo e prever quais tipos de cordeiros este irá produzir.

As aplicações destas pesquisas, em fase final de análise dos dados, permitirão o planejamento de cruzamentos visando à manutenção da diversidade de cores nos rebanhos ou mesmo a obtenção de cordeiros com um dado fenótipo desejado. Ou seja, ao determinarmos quais são os genes reguladores da coloração na raça e a sua ocorrência nos rebanhos será possível estimar a proporção de cordeiros com cada um dos fenótipos, em cada cruzamento. Assim, conhecendo os genótipos dos reprodutores para estes genes o criador poderá selecionar aqueles de seu interesse para, por exemplo, a obtenção de uma coloração específica.

A diversidade genética existente nas raças de animais domésticos permite a estas responderem a seleção no sentido de aumento da produtividade, para adaptarem-se às mudanças ambientais, tanto às associadas ao clima, quanto às exigências dos mercados, manejo e técnicas de criação, e ainda a doenças. Estratégias de conservação de uma raça de animais domésticos específica são importantes para a preservação de valores históricos e culturais particulares, para a manutenção da diversidade geral dos recursos animais e para garantir o direito desta raça a continuar existindo. A escolha dos recursos genéticos a serem conservados depende da presença de características fenotípicas associadas com produtividade e adaptação, e também da informação sobre a frequência de genes conhecidos por influenciar em características de interesse.

As raças de animais domésticos são frequentemente caracterizadas pela presença de fenótipos únicos. A conservação de raças locais raras implica na conservação da diversidade de fenótipos existentes nestas raças, que podem apresentar variação quanto a determinadas características,

como por exemplo, a lã no caso da Ovelha Crioula. O estudo de marcadores moleculares associados a genes envolvidos na pigmentação em ovinos é, desta forma, de grande importância para a identificação de animais e fenótipos únicos em termos genéticos, para a descrição e caracterização de raças, no auxílio ao planejamento de cruzamentos, na preservação das raças ameaçadas e no auxílio à seleção de animais com as características desejadas.

NOVOS CRIADORES – ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CANGUÇU

Antônio A. Maia^{1*}
Edimilson M. da Rosa²
Fernando C. Hax³

Criada como Escola de Comércio há 50 anos, a Escola Técnica Estadual de Canguçu possui, hoje, seiscentos alunos matriculados em três cursos: Médio Politécnico, Técnico em Contabilidade e Técnico em Agricultura. Sessenta alunos, meninos e meninas, moram na Escola.

Do início modesto, com escassa infraestrutura, o Curso Agrícola, tornou-se em algumas áreas referência na região, graças ao trabalho e entusiasmo de alunos e professores ao longo dos anos. E foi além da sala de aula. Sem perder seu foco no ensino técnico regular, presencial e práticas de qualidade, incursionou por outras áreas, trabalhando também com públicos distintos, organizando dias de campo para agricultores em avicultura colonial, realizando análise de solo para agricultores e cooperativas, e executando cursos do Pronatec Campo, em parceria com os Institutos Federais, por exemplo.

¹Diretor e Professores de ²Ovinocultura e ³Agroecologia da Escola Técnica Estadual Canguçu. *Email: ant_maia@yahoo.com.br



Turma do Curso Pronatec Ovinocultor, da Escola Técnica Estadual Canguçu / IF Sul, durante exposição de técnicas sobre pastagem e conservação do solo (plantio de Vetiver, em contorno) na Cabanha Sobrado Branco, sob a neblina do dia 05.07.2014.

Por sua importância, também a ovinocultura foi contemplada nos projetos da Escola. Um pequeno plantel de animais da raça Texel, alojado na Cabanha Itaguaçu, justificou nossa associação à ARCO e alguns animais já possuem o afixo ETEC. Esse “rebanho” de animais puros é uma linha do nosso projeto de ovinocultura; outra linha são as ovelhas crioulas. Sete animais, adquiridos, há 10 anos, da Embrapa Pecuária Sul, Bagé, foram alojados na Chácara Pau d’Erva, na região colonial de Canguçu. Essas ovelhas chegaram a formar um pequeno rebanho de 40 cabeças e oportunizaram práticas de esquila e beneficiamento de lã, além de cortes e culinária. O ataque sistemático de cachorros reduziu o rebanho, e os animais remanescentes foram transferidos para outra propriedade... agora, estamos retomando nosso trabalho com as Crioulas.

Seis ovelhas sobreviventes do rebanho de Bagé, mais quatro adquiridas do Dr. Otávio Pureza Nunes serão novamente alojados no Projeto de Agricultura Orgânica na Chácara Pau d’Erva. Lá, pretendemos validar um sistema de criação adaptado às propriedades familiares características dessa região, estimulando a

diversificação de atividades e a geração de renda. Não menos importante, esperamos contribuir, modestamente, para a preservação do recurso genético representado pela Raça Crioula.

Todo esse trabalho tem um propósito pedagógico que, afinal, é a nossa missão institucional. Estamos criando ovelhas para ensinar a criar ovelhas: uma disciplina de ovinocultura com algo efetivo a dizer, o curso de Pronatec Ovinocultor e a Especialização Técnica em Ovinocultura que pretendemos implantar na Escola são consequência disso.

O curso de Pronatec Ovinocultor, executado neste ano em parceria com o IF Sul – Campus CAVG, reuniu um grupo heterogêneo, rico, de jovens estudantes e experientes criadores do município de Canguçu e de municípios vizinhos. Por conta do Pronatec Ovinocultor, em uma manhã coberta por cerração do dia 5 de julho último, visitamos a Cabanha Sobrado Branco, no interior de Canguçu. Na propriedade centenária, é desenvolvido um trabalho de resgate das raças autóctones. Por conta disso, hoje o Gado e as Ovelhas Crioulas dividem os pastos nativos semeados de capões da Cabanha, criando uma paisagem que remonta ao século passado. Ao longo daquele sábado garoento de inverno, conhecemos as instalações, os pastos, as árvores, o gado e, naturalmente, as ovelhas Crioulas. Recebemos do proprietário, de presente, um jovem carneiro registrado da Raça Crioula para pai do nosso rebanho, na expectativa de que este seja expandido e que, na medida do possível, participemos de exposições regionais, para divulgar a Raça. Aprendemos que por lá tudo tem um sentido, onde o conhecimento científico e o tradicional não são incompatíveis, e que conhecer e preservar a nossa história nos ajuda, pelo menos em parte, a entender nosso lugar no mundo.

Lã Crioula para tecer Cochonilhos

A semelhança dos anos anteriores, a Selaria Berrante, Lages, SC, poderá vir a adquirir na próxima safra, velos de Ovelha Crioula, com mechas de comprimento destacado, próprios para a confecção dos tradicionais cochonilhos lageanos. Os interessados na respectiva venda, favor tratar diretamente com o proprietário, Sr. Carlos, pelos telefones (49) 32225130 ou 99244483.

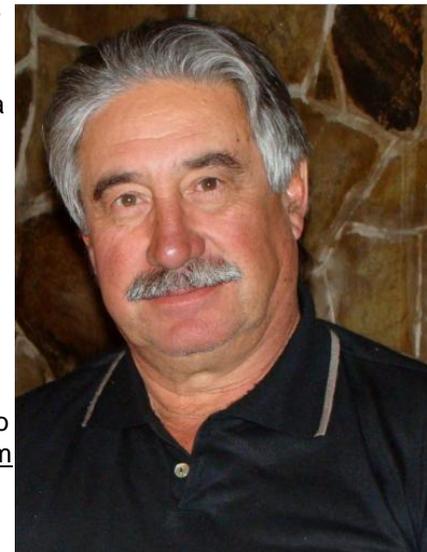
Nota de Falecimento*

É com pesar que noticiamos o falecimento do nosso colega Ory Augerô do Amarante, dia 05/07/2014. Nascido em Lagoa Vermelha, 07/02/1946, foi pecuarista, criador de ovelhas e cavalos crioulos. Ainda, um gaúcho tradicionalista, participante de inúmeros rodeios.

As ovelhas crioulas há muitos anos fazem parte da sua família, passando por várias gerações. Seu rebanho teve início ainda na infância, quando ganhou de seu pai alguns exemplares. Ao longo dos anos, dedicou-se com muita competência à seleção desses animais, criando o afixo Esmeralda. Sua cabanha teve papel importante na consolidação da Raça Ovina Crioula, participando efetivamente de diversas exposições-feiras, incluindo a Expointer, em Esteio, aonde inclusive obteve como criador o Grande Campeonato de Machos PO, com o exemplar Esmeralda 10 (Box 996), em 2008.

Em 11/04/1970, casou-se com Marilda da Luz do Amarante, vindo morar em Vacaria, na Fazenda Passo do Posto, na localidade de Esmeralda. É sucedido por dois filhos, Frederico da Luz Amarante e Evelise da Luz Amarante, e por três netos, Henrico Sabino do Amarante, Pedro Felipe do Amarante e Isadora do Amarante.

A presença do “Seu Ory”, como era conhecido por todos nós, era a certeza de alegria na ABCOC; um companheiro, tratando a todos com humildade e carinho, e que sempre demonstrou a satisfação de estar em nosso meio. Era uma pessoa simples, cativante e um amigo para todas as horas. Sua ausência será sentida não somente pelo exímio criador que perdemos, mas pelo grande ser humano que sempre demonstrou ser.



*por Michele P.R.Savian - Email: michelepippism@hotmail.com

EXPOSIÇÕES 2014 – XXX FEOVELHA

Hermes R.N. Crespo*

Realizou-se de 31 de janeiro a 2 de fevereiro deste ano, no Parque Charrua, Sindicato Rural de Pinheiro Machado, a XXX FEOVELHA – Feira e Festa Estadual da Ovelha. Foi muito prazeroso participar desta tradicional exposição-feira de ovinos. Destacamos o elevado nível zootécnico e de preparação dos exemplares de ovinos crioulos presentes (9, a galpão; 4, a campo), todos com lâ curta, visto que temos o controle de tosquia em outubro. O julgamento ocorreu no dia 1 de fevereiro, sendo jurado o Dr. Pedro Stoniollo. A seguir, apresentamos os Campeões:



Grande Campeão PO

Tat.111, Cab. Morada Santa Fé
Exp. Volnei Afonso Merino



Grande Campeã PO

Tat.193, Cab. Da Maya P.A.P.
Exp. Zuleika Borges Torrealba



Trio de Campeãs PO / Campo

Tats.131, 128, 127, Cab. Trincheiras do Vigário
Exp. Luciano R.Souza e Hermes R.N. Crespo

Criadores e criatórios de Ovinos Crioulos:

1 - Clara Marineli Silveira Luiz Vaz /

Fazenda Santa Anália

Gilson R.P. Moreira*

A pessoa entrevistada, que inaugura esta série de artigos a respeito dos criadores e criatórios de ovinos crioulos, dispensa apresentação. A história dela em relação à Ovelha Crioula encontra-se de forma esparsa nos números anteriores dos nossos Boletins Informativos. Esperamos que ela própria venha um dia a nos contar, num texto conjunto, ilustrado, em detalhe, todas as suas ricas experiências de vida (e de seus antepassados) com a Ovelha Crioula, o que seria de grande valia. Foi praticamente a mentora e executora do resgate dos rebanhos ovinos crioulos remanescentes no sul do Brasil, a partir dos anos 80. Na Embrapa Pecuária Sul, Bagé, RS, formou um rebanho de referência, caracterizando os animais morfologicamente e conduzindo-os à seleção de linhagens. Na década seguinte, fundou núcleos de criação, mobilizou e organizou os criadores, vindo a propor a criação da ABCOC em 1999, da qual foi sócia fundadora e participante da primeira diretoria. Atuou em conjunto com seus pares para a consolidação desta. Participou efetivamente na proposição e reconhecimento oficial do padrão racial da ovelha crioula, sendo esse objetivo frente ao MAPA atingido em 2001. A seguir, participou de diversas exposições-feiras e fomentou de forma efetiva o uso de seus produtos, inclusive em relação ao artesanato (pele e lâ). Por tudo isso, em sua homenagem, será descerrada uma placa na sede da ABCOC, no Parque Assis Brasil, em Esteio, durante a Expointer 2014, em agradecimento aos serviços por ela prestados à causa Ovina Crioula. Porém, como poderão deduzir ao ler este modesto artigo, mesmo oficialmente aposentada, ela não abandonou o seu destino; ao contrário, a Clara, uma pequena grande mulher, ovelheira de berço, e sua fazenda (Santa Anália, que eu não conhecia, até um dia de maio deste ano, quando foram obtidas as fotos, a seguir), continuam ativas, juntas, únicas, criando muitas Ovelhas Crioulas!



Chegar à Santa Anália, localizada nas Palmas, também em Bagé, não é tarefa simples. De Caçapava, pela rodovia BR 153, no Km 556, toma-se à esquerda o Corredor dos Collares, uma estrada de chão batido. Depois de rodar em torno de 15 Km, em direção à Torrinhas (município de Pinheiro Machado), segue-se caminhos vicinais, muitos sem corredor, com diversas porteiras e/ou mata-burros. Após mais ou menos 9 km, situa-se a única placa indicadora que existe, na entrada da fazenda (Fig. 3, cujas coordenadas geográficas são fornecidas!), quando julga-se estar mais ou menos no fim do destino. Porém, após, ainda há mais porteiras pela frente. Daí então, a estrada situa-se em campo aberto, e não se vê mais casas, no amplo horizonte ao redor. Finalmente, é importante salientar que há de se passar dois arroios; dizem por lá que se chover antes não se chega – e, se depois, não se sai! O local é ermo, peculiar e antigo (geologicamente falando, tem idade estimada em mais de 500 milhões de anos), e muito bem preservado. O relevo e a vegetação são típicos da formação Guaritas /bacia do Rio Camaquã (campos, entremeados por vegetação arbustiva e capões, e com diversos afloramentos rochosos; Figs. 1 e 4).

A Sede (Fig. 5) é uma casa centenária, estilo portuguesa, ampla, do tipo que antigamente predominava na Serra do Sudeste. É rodeada de galpões, mangueiras, arvoredos, com diversas encerras pequenas de galinhas, distribuídas aqui e acolá; umas creio que para quebrar o choco, outras pras deitadas, criadeiras com pinto, na engorda, etc. Clara também cria muitos gatos, todos soltos. No açude próximo, chamam a atenção os gansos sinaleiros (diversos), que segundo ela, também são crioulos. O rebanho original das ovelhas crioulas hoje lá criadas, que foi fonte de um dos núcleos do projeto inicial de resgate da raça, mencionado anteriormente e cujos primeiros registros são do final do século XVIII, remonta à fazenda antiga dos avós (e antecedentes), localizada perto. Esta estância, de alguns séculos, é hoje uma tapera, e que também visitei, na volta, ao final da tarde. Na porta da frente, se encontra registrado o ano (1858) da última reforma (Fig. 6). No galpão de pedras (Fig. 7), ainda estão bem conservadas as guardas (que assim denominei), de abertura triangular (seta apontada, e detalhe, em vista lateral na Fig. 8),



de onde os antepassados de Clara se defendiam dos invasores, por dentro, em pé, pelo uso de armas de fogo, durante as revoluções. Quem se interessar pela nossa história, vai logo concordar com ela que a fazenda, localizada numa área central de disputas entre espanhóis e portugueses durante os tempos coloniais, e palco de revoluções seguintes (incluindo a dos Farrapos), dada a geografia e relevo, foi certamente local de passagem e parada obrigatória de tropas militares. Ao redor, muitos marcos daquele tempo e recordações menos antigas, recentes, de histórias marcantes vividas com a família, chamadas à minha atenção pela anfitriã (como já dito, espero que ela nos conte tudo isso, um dia, em detalhe). Pode-se imaginar o papel das Ovelhas Crioulas lá, ao longo dessas épocas, da qual foram testemunhas, e que serviram de suporte; por exemplo, quanto ao alimento do dia a dia, e rápido, para matar o fome dos recém-chegados (carne); e, no conforto (lã, para as vestimentas, e pelegos, para proteger o colchão dos “mijados”, as costas dos bem-aventurados, os arreios, o lombo dos cavalos, e outros, tantos). Em contraste, pasmem, dentre outras histórias tristes, me contou por exemplo, que no início do século XX, quando do fomento à “melhoria” dos rebanhos ovinos, as ovelhas crioulas foram por lá escondidas, para que não fossem confiscadas pelas autoridades!

Na Santa Anália, Clara pratica a pecuária extensiva, criando gado e ovelhas. Estas últimas, em torno de 900 cabeças, das quais 1/3 são crioulas. Do gado, vende bois e vacas para invernar e/ou gordos, e das ovelhas, principalmente capões, lã e animais de descarte. De vez em quando, também comercializa carneiros e matrizes crioulas, devido a alta fertilidade destas. A mão de obra, pelo que pude observar, se resume à ela e ao peão Danúbio (os dois únicos seres humanos que vi por lá). Se queixou prontamente a respeito da escassez dessa ordem nos últimos anos, argumentando, por exemplo, que ninguém mais quer alambrar (mas, como podem ver nas fotos, as cercas da fazenda estão muito bem cuidadas). Vi alguns cachorros, incluindo ovelheiros, que ajudam na lida no campo. Não perguntei, mas aparentemente, não há maquinários de vulto na fazenda. As ovelhas crioulas, em particular, são criadas no Irapuá, uma área adjacente, ainda mais isolada, já na divisa com Torrinhas, para aonde fomos de pronto,



assim que cheguei (próximo ao meio-dia). Consta ser este um ano de abundância de pasto, e o rebanho, que em parte estava encerrado, me esperando, era de encher os olhos (Figs. 9 e 11), sendo bem costeado e cuidado. Quanto às características, de sempre, com velo escorrido e pelagem variada, sendo os carneiros (diversos) quase todos de 4 chifres, simétricos e imponentes (Figs. 10 e 12). Na tarde, recorreremos alguns poteiros de ovelhas crioulas, conversando muito sobre diversos aspectos da Raça, tais como rusticidade, fertilidade, longevidade, cuidado maternal, manejo adotado, etc. Na ocasião, percebi também que Clara não somente conhece, mas se interessa pela conservação dos animais de uma maneira geral (fauna) que a cercam, e também por as espécies de plantas nativas (flora) típicas da região. Por fim, me atrevi a perguntar como gostaria de ser por todos nós lembrada? Surpresa, mas sem titubear, prontamente disse “... *me tira uma foto sentada com essas florzinhas amarelas do campo aqui ...*”, e assim agiu; pois bem, sem comentários, aí ela está (Fig. 2, da página 11).

Voltamos para a sede ao entardecer, e como era muito tarde para atravessar os arroios e achar o caminho de volta, pernoitei por lá. Pouco dormi, refletindo sobre tudo que tinha visto durante esse dia, surreal. Até por que, muito cedo na madrugada, os galos e os garnisés começaram a cantar. Parti da Santa Anália antes do clarear do dia. Me despedi do Danúbio, que já estava no mate, com quem deixei meus agradecimentos em relação a hospitalidade recebida. Na soleira da porta da cozinha, ao pisar na rua, tropecei num dos cordeiros guachos (não crioulos) que cochilavam encolhidos no chão, a espera da dona da casa. Lembro ouvir os gansos que assinalaram a minha passagem pela beira do açude. Levantando um quero-quero e outro ao longo do caminho, coberto de cerração, me fui no tranco, campo a fora, ainda inquieto e pensativo, em direção à Canguçu. Muitas vezes me perguntei como alguém que rodou por esse mundo, moderno, e sendo bem sucedido profissionalmente, poderia ter, por fim, se metido naquele lugar tão isolado? Aos poucos, fui refletindo e me convencendo, talvez do contrário. A meu ver, a Dra. Clara foi forjada diferenciada, do tipo guardião do espaço e do seu tempo; acho que de fato, ao contrário de muitos, não foi, nem voltou – ela nunca saiu de lá!